



Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literatura

Monografia em Literatura

SUELEN DA SILVA DE PAULA

A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO: uma reflexão teórica

MENÇÃO	SS
---------------	-----------

Brasília-DF

2020

SUELEN DA SILVA DE PAULA

A LITERATURA NA CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO: Uma reflexão teórica

Monografia apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literatura da Universidade de Brasília – UnB como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura em Língua Portuguesa e respectiva literatura.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa.

Brasília-DF

2020

RESUMO: A literatura funciona como uma chave que abre portas de entrada a diversos mundos e conhecimentos. Por intermédio dela, toda a trajetória de um indivíduo pode ser alterada, enriquecida, aprimorada, pois permite o reconhecimento de si mesmo como ser, do seu ambiente e do outro. O acesso ao saber literário pode ser uma arma forte de ascensão intelectual e cultural, considerando seu poder conscientizador. O homem é um ser individual, mas também social, com necessidade e capacidade de expansão. Entende-se que a ele é fundamental esse processo de identificação, devido as suas variadas funções e peculiaridades. Portanto, apresenta-se aqui uma breve reflexão sobre aspectos da literatura que podem agir e ser imprescindíveis na construção de uma pessoa como sujeito crítico, consciente e sensível às realidades próximas e distantes, ativando sua humanidade ilimitada.

Palavras-Chave: Literatura. Construção. Indivíduo.

RESUMEN: La literatura funciona como una llave que abre puertas a diversos mundos y conocimientos. A través de ella, toda la trayectoria de un individuo puede ser cambiada, enriquecida, perfeccionada, pues permite el reconocimiento de sí mismo como ser, de su ambiente y del otro. El acceso al saber literario puede ser un arma fuerte de ascensión intelectual y cultural, considerando su poder generador de conciencia. El hombre es un ser individual, pero también social, con necesidad y capacidad de expansión. Se comprende que a él es fundamental este proceso de identificación, debido a sus variadas funciones y peculiaridades. Por lo tanto, presentase aquí una breve reflexión sobre los aspectos de la literatura que pueden actuar y ser imprescindibles en la construcción de una persona como sujeto crítico, consciente y sensible a las realidades próximas y lejanas, activando su humanidad ilimitada.

Palabras-clave: Literatura. Construcción. Individuo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
2 REFLEXÃO TEÓRICA.....	8
2.1 O acesso à arte e literatura.....	8
2.2 A literatura como agente formador.....	9
3 CONCLUSÃO.....	24
4 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	26

1 INTRODUÇÃO

A escolha do tema em questão foi motivada pelo desejo e curiosidade de se entender a literatura como fator indispensável na composição do homem em sua singularidade e conseqüentemente como uma figura social.

Ao discorrer a respeito do conhecimento literário, é possível deparar-se com uma esfera bastante ampla e repleta de facetas. Seu alcance envolve o trabalho com a imaginação, a fantasia, proporcionando um âmbito alternativo; o resgate da compreensão de elementos de uma sociedade em dado momento histórico, do ser humano e do mundo, permitindo o contato com diferentes realidades. Além disso, a arte literária pode ser a exibição do máximo da expressão suprema da polidez de uma cultura. Ela pode chamar para fora a essência que há no homem, libertando-o.

Esse instrumento carrega em si uma bagagem preciosa e poderosa, capaz de enriquecer o que dele se apossa. Quem sabe de onde veio e onde está, sabe para onde vai. Entender sua origem, seu percurso e onde se encontra no presente, é fundamental para evolução de um indivíduo. Apoiado nesse entendimento, ele apreende seu papel dentro do ambiente que o cerca.

Com base em textos de Antonio Candido, Luana Barossi e Joana Amélia Sant'Ana, principalmente, será feita uma abordagem reflexivo-teórica acerca do efeito da literatura como arte e como objeto essencial à formação do homem, assimilando-a como primordial, não somente à sobrevivência, mas a uma vida plena e consciente.

Antonio Candido é relevante para este trabalho, pois se apropria e desenvolve essa temática em textos como *Direito à literatura* e *A literatura e a formação do homem*, muito pertinentes à discussão em questão. Luana Barossi, em *(Po)éticas da escrevivência*, conversa com textos de Candido, apontando e evidenciando suas críticas sobre eles e discute a escrita com base na vivência. Joana Sant'Ana, em *A importância da literatura na formação do homem*, traz um estudo que relaciona a literatura ao teatro, mostrando como juntos podem impulsionar transformações em pessoas e na sociedade, maior palco que pode existir. Para consolidar essa reflexão, serão tomadas como exemplo as obras

Quarto de despejo, de Carolina Maria de Jesus, e trechos de *Capitães da areia*, de Jorge Amado, dado que ilustram bem a visão dessa argumentação.

Neste contexto, será feita, de início, uma ponderação a respeito do acesso aos meios culturais, de uma forma geral. O intuito é tratar um pouco sobre como isso não ocorre de modo igualitário. Na sequência, observar-se-á como cada autor e texto escolhido discutem o tema e como suas ideias se encontram e se distinguem. Feito isso, tornar-se possível uma análise e reflexão com relação às proposições citadas.

2 REFLEXÃO TEÓRICA

2.1 O acesso à arte e literatura

Em *O direito à literatura*, Antônio Candido começa discutindo sobre desigualdades sociais por um viés histórico, traçando um paralelo entre como era no início da sociedade brasileira, no período colonial, e como estava em seu tempo. Reflete que, nos primórdios, a segregação era escancarada. O pobre, o negro o indígena, eram explorados, marginalizados, desumanizados, sem receios e sem a necessidade de ocultação. Com o passar dos anos, a escravidão foi abolida, alguns processos históricos ocorreram, mas o reflexo desse modelo de sociedade permaneceu, no entanto foi substituído pela hipocrisia, pelo preconceito velado, para que não comprometesse a imagem de quem o proferia.

Desde o princípio, as sociedades capitalistas são segmentadas. Sempre houve a classe dominante e a subalterna. Como isso, especialmente os que vivem no nível mais grave de pobreza, sofrem com a carência do que seria básico à sobrevivência. A partir disso, Candido explana sobre os direitos humanos e cita os bens incompressíveis. Defende que esses bens, que a ninguém podem ser negados, não envolvem somente exigências físicas, mas também intelectual, de arte, de lazer, de opinião, de integridade espiritual, de literatura.

A literatura, se entendida como toda manifestação artística, sempre existiu no percurso da vida e história humana, e em todos os níveis sociais. Com base nisso, o autor afirma: “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação.” (CANDIDO, 1988, p. 174). Além disso, acredita que talvez o equilíbrio social dependa dela para acontecer, pois opera no subconsciente e inconsciente, confirmando a humanidade do homem.

Com base nessas afirmações, a literatura é posicionada como um direito, algo vital, e não mais como um luxo ou um objeto para reforçar a desigualdade social entre as classes. Porém, a desproporção econômica restringe a aquisição da arte erudita, por exemplo. Alguém que vive com o mínimo e/ou muitas vezes com a falta dele, em grande parte, nem sequer sabe onde encontrar (ou mesmo da existência e poder) essa arte que pode libertar ou pelo menos aliviar o pesar

de sua alma também angustiada e faminta, e muito menos tem condições de pagar por ela. Isso deve estar disponível a todos como um direito básico, independentemente de classe social, língua, cor, gênero, idade.

2.2 A literatura como agente formador

Antonio Candido sustenta que o texto literário, em toda sua complexidade, dá espaço ao discernimento do eu e do nós. Uma das funções dele é proporcionar essa organização mental e em seguida, da realidade ao redor. Esse seria um dos níveis humanizadores da literatura: colocar em ordem o caos interno. O significado das palavras e a forma como são organizadas, lhes concede a autoridade de comunicar-se com sua zona intrínseca. Assim, a disposição e o conteúdo são importantes para criar um sentido que mova o leitor, que por sua vez, reagirá de acordo com suas experiências de vida.

A arte literária possibilita a formação e o desenvolvimento de uma visão ampla do mundo, trazendo sensibilidade, humanizando. Candido define humanização como “o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais” (CANDIDO, 1988, P. 180). Considerando isso, cada aspecto e função envolvidos nela, contribuem para humanizar.

Ao tratar a literatura como agente formador de um indivíduo, Cândido reflete que não se pode ignorar que o meio é um forte influenciador na composição desse sujeito, que interfere na percepção de quem é exposto a ela. Ele menciona que pode sim haver vínculo entre a realidade e a fantasia, pois esta, que vem da necessidade de fabulação e que é uma das funções da literatura, pode proporcionar, através da imaginação, a contemplação de um mundo diferente, melhor, mesmo que idealizado, concedendo, muitas vezes, uma fuga necessária e desejada.

Em *Capitães da Areia*, de Jorge Amado, há um exemplo bastante pertinente sobre o efeito psicológico da literatura. A obra, de uma maneira geral, retrata como é a vida de crianças que vivem em situação de rua na Bahia dos anos trinta, período em que se inicia a ditadura getulista do Estado Novo. O romance foi publicado em 1937, mas censurado, tendo vários exemplares queimados publicamente.

O livro discorre e desmascara diversas situações desumanizadoras as quais eram submetidos (pela sociedade e pelo Estado) esses meninos. É um cenário de total desamparo, sobretudo, pelas autoridades e instituições governamentais, que negligenciam esse quadro e em grande parte das vezes, contribuem para a piora das circunstâncias. Dessa forma, essas crianças se unem com o comum propósito de sobreviverem ao sistema e suas condições, e para isso, frequentemente, recorrem ao crime, mais especificamente, ao roubo.

Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam de totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas. (AMADO, 2009, p.27)

O narrador traz esta descrição dos capitães da areia e uma representação que, por vezes, é um tanto romantizada, mas permite uma noção do que este livro indica a respeito da sociedade desta época. Mesmo enquadrando apenas uma cidade, é possível se ter ideia do panorama geral do país.

Neste contexto, esses meninos se organizam, dividindo tarefas em prol do bom funcionamento do grupo. Entre eles, existem regras a serem seguidas e caso desobedecidas, a consequência é a expulsão do bando de Pedro Bala, o chefe dos capitães. Apesar de se tratar de um ajuntamento de cerca de cem crianças, alguns ganham mais relevância dentro da narrativa por possuírem habilidades particulares, importantes para o grupo. A maior parte deles “dormiam nas ruínas de em um velho trapiche” (AMADO, 2009, p. 27).

O personagem, talvez, mais central para esta discussão é João José, o Professor:

João José, o Professor, desde o dia em que furtara um livro de histórias numa estante de uma casa da Barra, se tornara perito nestes furtos. Nunca, porém, vendia os livros, que ia empilhando num canto do trapiche, sob os tijolos, para que os ratos não roessem. Lia-os todos numa ânsia que era quase febre. (AMADO, 2009, p.30)

Professor era o único do bando que sabia ler. Ainda que tenha estudado apenas um ano e meio, “o treino diário da leitura despertara completamente sua

imaginação” (AMADO, 2009, p.30). Aquela era sua aptidão, pela qual se tornou respeitado entre os companheiros. Esse fato reafirma o que defende Antônio Candido sobre a carência humana por arte, por literatura, por fantasiar, independente do motivo que o (o homem) leva a desejar isso, julgando-a (a literatura) como elemento básico à sobrevivência do ser humano.

É interessante, não só o apreço de Professor pela leitura e como age a partir dela, mas também a forma como isso é expandido às demais crianças do trapiche quando Professor conta histórias a elas. É impressionante como crianças que hora são retratadas como marginais, mal educados, delinquentes, e por vezes, animalizados, em outros momentos, são apenas crianças que, embora por pequenos e pontuais instantes, recebem uma devolução de humanidade através da literatura.

contando aquelas histórias que lia e muitas que inventava, fazia a grande e misteriosa magia de os transportar para mundos diversos, fazia com que os olhos vivos dos Capitães da Areia brilhassem como só brilham as estrelas da noite da Bahia. (AMADO, 2009, p.30)

Cândido, em *A literatura e a formação do homem*, afirma que “A fantasia quase nunca é pura. Ela se refere constantemente a alguma realidade: fenômeno natural, paisagem, sentimento, fato, desejo de explicação, costumes, problemas humanos, etc.” (CANDIDO, 1972, p.81). A realidade presente nas composições literárias ativa componentes da realidade de seus leitores, que a assimilam de acordo com suas vivências.

Segundo o autor, a disposição das palavras dentro do texto literário, o modo como são instituídas, promove a ordem da mente, do caos interno do indivíduo, que por sua vez, a externaliza, fomentando a organização do seu meio (do mundo): “A forma permitiu que o conteúdo ganhasse maior significado e ambos juntos aumentaram a nossa capacidade de ver e sentir” (CANDIDO, 1988, p. 179). Ademais, essa arte, depois de internalizada, influencia a visão de mundo e forma agentes transformadores capazes de intervir no curso de uma sociedade.

Com base nisso, pode-se compreender a “função integradora e transformadora da criação literária com relação a seus pontos de referência na realidade” (CANDIDO, 1972, p.82). A análise de seu efeito no leitor pode ser um tanto complexa, pois não se sabe até que ponto vai seu alcance, levando em conta sua atuação no subconsciente e inconsciente do sujeito.

Gullar (1983, p. 152), citado por Joana Sant’ana em *A importância da literatura na formação do homem*, declara que “Cada indivíduo é um professor a serviço da sociedade ou contra ela”. Por esse ângulo, entende-se que não há quem seja neutro em um contexto social, já que todos influenciam e são influenciados, mesmo que involuntariamente. Portanto, é necessário se preocupar com a construção de uma sociedade justa, para que haja a formação integral dos cidadãos, o que inclui a igual proporção à exposição à arte, cultura, literatura, e o respeito à diversidade (inclusive, de pensamento). Esses são fatores indispensáveis para a formação do homem, porquanto proporciona “um meio exterior que favorece a produção de uma nova síntese de entendimentos do mundo e da realidade” (SANT’ANA, 2008, p. 4).

Na antiguidade, a literatura era basicamente oral. Os povos contavam suas histórias, que eram transmitidas às gerações seguintes. Todavia, à medida que o ser humano e o conhecimento evoluem, a sociedade e os relacionamentos tornam-se mais herméticos. De acordo com Sant’ Ana (2008), o imediatismo das relações, separou o trabalho manual do trabalho cultural, promovendo o conhecimento compartimentado e criando a sociedade de mercado.

O mundo contemporâneo, entretanto, submete o homem à domesticação para o consumo, em gradativo processo de distanciamento de suas reais necessidades e valores, uma vez que no sistema econômico-social vigente o homem vale pelo que é capaz de possuir e, nesse sentido, homem e mercadoria se confundem. (SANT’ANA, 2008, p. 8)

Consoante a autora, existe a crença de que a tecnologia e a modernidade nos meios de comunicação viabilizam um acesso maior e mais eficiente à arte, cultura e literatura. Em parte, isso ocorre, porém, na grande maioria dos casos, fomenta uma aquisição superficial dos conhecimentos.

Na sociedade atual, o homem está embrutecido, desumanizado, devido aos valores corrompidos pelas políticas de bens de consumo. A realidade é que

o mover-se por necessidade não é viver de verdade. Joana propõe que o empreendimento da arte e da leitura pode restaurar a verdadeira essência das relações, trazendo a quem dela se apodera, apenas benefícios e não um vínculo de dominação. Em seu texto, cita Zilberman (1990), que diz:

... o texto literário introduz um universo que, por mais distanciado do cotidiano, leva o leitor a refletir sobre sua rotina e a incorporar novas experiências (...) o texto artístico talvez não ensine nada, nem se pretenda a isso; mas seu consumo induz a algumas práticas socializantes que, estimuladas, mostram-se democráticas, porque igualitárias. (ZILBERMAN, 1990, p. 19 apud SANT'ANA, 2008, p.5)

O texto literário rompe com limitações do pensamento, da mente, abrindo espaço para novos saberes, expandindo, mobilizando as ideias e formando outras novas e mais carregadas de significado. “A imaginação é a memória do futuro e, nesse sentido, a literatura reflete o passado e ilumina o futuro” (SANT'ANA, 2008, p.6). A capacidade humana de imaginar, de lembrar, de criar, gera possibilidades para futuro, de mudanças, de avanços edificantes.

Quando se consegue unificar conhecimentos que foram compartimentados, é possível se ter uma concepção mais ampla e crítica sobre o que há ao redor. É uma mudança de mentalidade que resulta em mudança de atitude, ocorre de dentro para fora. Esse cenário não só oportuniza o apreço pela leitura como motiva a apropriação da escrita.

Luana Barossi, em (Po)éticas da escrevivência, trata dessa temática com bastante propriedade. Discorre a respeito da escrevivência, que seria a escrita baseada na experiência de vida. No espaço literário, vê-se, copiosamente, o retrato do pobre, do negro, da mulher, do indígena, pela ótica do burguês, do branco, do homem, do europeu. É muito diferente quando esses indivíduos representam a si mesmos e a seus semelhantes. O olhar de quem vê a distância não se compara ao de quem está contido no meio. Não se pode negar a realidade e a veracidade presentes em tais páginas, portanto, não se pode calar a voz do sujeito subalternizado. Essa é uma voz de denúncia de injustiças, que expõe o descaso, o abandono social, econômico, intelectual, cultural. Neste ponto, vemos a finalidade denunciadora da literatura.

A autora, nessa composição, reivindica o direito à escritura dos indivíduos socialmente marginalizados, que “pertencem” a lugares historicamente silenciados, em uma sociedade onde produções de subalternizados não são dignas de serem atribuídas como literatura.

Segundo o E-Dicionário de Termos Literários, cânone é uma seleção de textos adotados como lei por uma comunidade e que lhe permitem a produção e reprodução de valores, normalmente ditos universais, e a imposição de critérios de medida que lhe possibilitem. Em um movimento de inclusão e exclusão, distingue o legítimo do marginal, veiculando o discurso normativo e dominante em um determinado contexto. O dicionário ainda indica que

Tal definição é válida, quer se trate de um cânone nacional, onde se presume que o povo se reconhece nas suas características específicas, quer se trate do cânone universal, o que significa de fato, dada a própria origem histórica da categoria literatura, um cânone eurocêntrico ou, quando muito, ocidental. (DUARTE, 2009)

Esse conceito aponta que “o cânone presume que o povo se reconhece nas suas características específicas”. Então vem a questão: quem de fato é esse povo que se reconhece em tais obras? A opinião de quem é levada em conta aqui? Qual é a abrangência de “povo”?

Barossi (2017) traz uma crítica ao próprio Antonio Candido (1988), pois este afirma, em *O direito à literatura*, que a literatura erudita é um bem incompreensível, portanto, um direito de todos. Nesse sentido, as composições que não se encaixam nesse padrão são ultrajadas. Ela afirma que

parece fugir ao escopo do autor naquele momento a discussão acerca do valor literário das produções de fora do circuito intelectual erudito, como se o sujeito subalternizado tivesse direito à leitura, mas não à escritura, uma vez que suas produções não poderiam adentrar no Olimpo reservado às altas literaturas. (BAROSSO, 2017, p.23)

A partir disso, Barossi propõe um diálogo entre o pensamento de Candido (1988), Gayatri Spivak (1985) e Homi Bhabha (2014), contrastando com o conceito de escrevivência, de Conceição Evaristo (2008). Para isso, sua discussão divide a ética em duas dimensões: a da *crítica*, que é responsável por abrir espaço a obras antes apagadas, e a da *noção de escrevivência*, que valoriza a escritura baseada na história, memória e experiência do escritor.

Ao referir-se a Candido (1988), a autora concorda com seu ponto de vista sobre a literatura, ao estabelecê-la como direito substancial para a sobrevivência humana, tal como comida, bebida, roupas, moradia. A discordância aparece quando há a percepção de que o autor prestigia a narração da realidade do subalternizado pelo ângulo do intelectual em detrimento da narração pelo próprio sujeito subalternizado.

Nesse cenário, ela coloca a escrita como agente humanizador tanto quanto a leitura, algo que não foi detectado e nem defendido por Candido. (Po)éticas da escrevivência concentra-se em denunciar o espaço de subalternidade “reservado” à “literatura popular”. Por esse viés, Antônio Gramsci, teórico italiano apontado por Barossi, nos escritos *Cadernos do Cárcere* sugere uma ideia de “classes subalternas”, estas que deveriam juntar-se na busca pela emancipação do poder dominante. No entanto, o uso desse termo foi veementemente criticado e uma das críticas veio da indiana Gayatri Spivak (1985), também referida por Luana. “Para a autora, a subalternidade diz respeito às classes mais baixas da sociedade em termos de modos específicos de exclusão dos mercados da representação política e legal” (BAROSSO, 2017, p. 26). Assim, compreende-se que a subalternidade não é uniforme, ela ocorre de diferentes modos e em ambientes distintos: “mesmo dentro dos espaços que seriam “classificados” como subalternos, ainda assim não têm lugar de fala: são os subalternos dos subalternos, como é o lócus da mulher em determinado contexto de subalternidade” (BAROSSO, 2017, p. 27).

O *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, expõe diferentes tipos de subalternidade latentes na sociedade brasileira. A autora, e personagem principal da obra, retrata sua própria realidade como mulher, negra, pobre, e suas condições de vida em uma favela de São Paulo. É um relato de dentro para fora, é a mulher, negra e pobre dizendo a todos como é estar nessa posição. Essa história não seria contada da mesma forma e muito menos teria o mesmo efeito se escrita em um romance por um intelectual erudito, que vê a situação de fora, à distância e do ponto de vista de um privilegiado.

Essa situação se assemelha, inclusive, à *A Carta*, de Pero Vaz de Caminha, que descreve suas impressões sobre a terra que viria a ser o Brasil.

Assim, mostra seus habitantes, costumes, cultura, com um deslumbre evidente e por uma perspectiva baseada no padrão da sociedade europeia.

O sistema colonizatório, tanto no Brasil como em toda a América Latina, foi extenso e brutal. A exploração se iniciou com os ameríndios, que já pertenciam àquelas terras, e foi se expandindo, trazendo pessoas de outros continentes, principalmente o africano, para as subjugarem a trabalhos forçados. Isso resultou em muitas mortes, deterioração e a tentativa de extinção das culturas indígena e africana.

Caminha revela os primeiros impactos ao avistarem a terra e seus habitantes e os descreve em detalhes: “aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu” (CAMINHA, 1500, p.2). Tudo era muito diferente para ambos os lados, mas esse primeiro contato se dá de forma pacífica. Os indígenas são retratados como bons, inocentes, contudo permitem-se ser conhecidos somente até certo ponto.

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. (CAMINHA, 1500, p.3)

Nesse período, já havia o ideário de superioridade branca, que defende a conversão de todos ao seu modelo e à sua determinação sobre o devido lugar de cada cidadão. Os europeus, aos poucos, foram inserindo sua cultura, seus adereços, sua religião, além de fazerem trocas e darem objetos, com a intenção de amansá-los para dominá-los.

E mandou com eles, para lá ficar, um mancebo degredado, criado de dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver e maneiras. [...]. E que portanto não cuidássemos de aqui por força tomar ninguém, nem fazer escândalo; mas sim, para os de todo amansar e apaziguar, unicamente de deixar aqui os dois degredados quando daqui partíssemos. [...] . Ninguém não lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais. E tudo se passa como eles querem — para os bem amansarmos! Ao velho com quem o Capitão havia falado, deu-lhe uma carapuça vermelha. E com toda a conversa que com ele houve, e com a carapuça que lhe deu tanto que

se despediu e começou a passar o rio, foi-se logo recatando.
(CAMINHA, 1500, p. 4, 7, 9)

Pela fala de Caminha, é possível captar as ações manipuladoras dos colonos e como tramavam para tomar o território e as pessoas. No Brasil, começou em 1500 o domínio branco e burguês, que traz consigo a exploração, imposições, degradações, destruições, e que tem seus correspondentes na sociedade atual.

Em *Quarto de Despejo*, Carolina compõe sua escrevivência e ao delatar sua rotina árdua desde uma esfera de abandono social, financeiro, político, mostra que a escassez pode remover a paz ao passo que a leitura e a escrita podem devolvê-la, trazer alívio. Apesar de seu pouco estudo, das dificuldades financeiras diárias, turbulências com sua vizinhança, a leitura e a escrita sempre tiveram seu espaço e era o que constantemente a resgatava de seu caos interno.

O que aborrece-me é elas vir na minha porta para perturbar a minha escassa tranquilidade interior (...) Mesmo elas aborrecendo-me, eu escrevo. Sei dominar meus impulsos. Tenho apenas dois anos de grupo escolar, mas procurei formar meu caráter. (JESUS, 1960, p.13)

Seguindo a concepção de Spivak (2010), exibida por Barossi (2017), Carolina se encaixa no conceito subalterno do subalterno, pois além de ser mulher, é negra.

a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (SPIVAK, 2010, p. 66-67 apud BAROSSO, 2017, p.28).

Na sequência, Gayatri (2010), conforme Luana (2017), propõe aos teóricos literários um autoquestionamento de suas posições, atentando-se às suas atitudes de obliteração da voz do indivíduo subjugado; de tentar falar por eles, já que ocupam (os intelectuais) um lugar favorecido; e de afirmarem que esses sujeitos podem falar por si mesmos quando, na verdade, não detêm um lugar de fala privilegiado e nem os recursos necessários para serem levados em conta. Por essa lógica,

“O intelectual não pode falar pelo subalterno, mas “o espaço em branco inscrito no texto” (Spivak, 2010, p. 123) deve ser confiado

ao “Outro” da história. Ou seja, o espaço deve ser aberto para que ele fale” (BAROSSO, 2017, p. 28-29).

Barossi (2017) cita ainda Homi Bhabha (2014), que defende o direito de narrar. Literários sustentam que obras narradas por figuras subalternizadas não possuem as características necessárias para ser grandes, um clássico, reduzindo a literatura exclusivamente à forma. Por causa disso, tantas composições como *Quarto de despejo* são publicadas em modelo de documentos sociológicos. Isso, segundo Bhabha, de acordo com Luana, também é um artifício de silenciamento, pois se encaixa perfeitamente nos chavões esperados pela sociedade.

Para entender determinados fenômenos recorrentes na sociedade atual, é preciso voltar ao passado e buscar suas raízes. Quando essa busca é feita, nota-se que o passado pode ser mais presente do que o esperado. Durante toda a história, do Brasil e do mundo, milhares de indivíduos foram calados, impedidos de contar sua versão a respeito dos acontecimentos que os envolvia mais que a outros. A desvalorização das antigas produções orais, ao não serem concebidas como oficiais, apaga boa parte da verdadeira história e somente reafirma a carência de valorização da escrita do negro, da mulher, do pobre, do indígena.

O conceito de escrevivência de Conceição Evaristo (2008), apresentado por Luana Barossi, dá chance a narrativas desprestigiadas como arte literária,

permite o transbordamento da memória e sua montagem com a história, penetrando nos espaços em branco do texto [...] Ouvir a perspectiva das vozes apagadas da história é uma maneira de reescrever essa mesma história, é uma maneira de compreendê-la ao mesmo tempo que se produz novas maneiras de existir. (BAROSSO, 2017, p.35-36)

A subalternidade não é uma escolha, é uma posição onde milhares e milhares de homens e mulheres no mundo inteiro foram alocados por processos históricos que sufocaram suas vozes ou lhes reprimiram em seu campo de atuação. A história aprendida na escola, muitas vezes, unicamente sob a ótica colonialista e imperialista, somente reforça o preconceito e a dor sofridos por eles, nos mais variados níveis. Diante disso, Barossi (2017), citando Spivak (2010), sugere aos estudiosos literários é que oportunizem o resgate da história não contada, da perspectiva do “outro”, e lancem luz no que estava oculto, para

que haja restauração, ao menos em parte, de culturas mutiladas por essas quebras e imposições.

A vida de Carolina Maria de Jesus, contada em seu diário, demonstra um quadro social, político, econômico, que abrange toda uma classe e envolve dificuldades e questões gerais (dos pobres, homens e mulheres) e específicas (mulheres, negros). O que não deixa dúvidas é o efeito de denúncia que a obra tem, a começar por seu título, que remete a um lugar onde se deposita coisas que não são mais úteis ou que não se deseja ver pela casa: “quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar em um quarto de despejo [...] Estou no quarto de despejo, e o que está no quarto de despejo ou queima-se ou joga-se no lixo” (JESUS, 1960, p.33)

A dura realidade é tão horrível que por vezes ela teme a descrença em suas palavras. “... Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo e dirá... isto é mentira! Mas as misérias são reais.” (JESUS, 1960, p.41). Por vezes, pela narração de Carolina, observa-se certa pegada naturalista e determinista, onde as pessoas são condicionadas, modificadas pelo meio. A favela é vista como um ambiente agressivo, que degrada, piora e desumaniza.

... As vezes mudam algumas famílias para a favela, com crianças. No início, são iducadas, amáveis. Dias depois usam o calão, são soezes e repugnantes. São diamantes que transformam em chumbo. Transformam-se em objetos que estavam na sala de visita e foram para o quarto de despejo. (JESUS, 1960, p. 34)

Ela faz questão de deixar claro o horror e descontentamento que possui em residir em favela: “- Se eu pudesse mudar dessa favela! Tenho a impressão que estou no inferno” (JESUS, 1960, p.24). Em diversos momentos, menciona seu desejo de sair dali, pois é um universo opressor, que não a permite sentir-se em casa: “Cheguei na favela: eu não acho geito de dizer cheguei em casa [...] Quando digo casa, penso que estou ofendendo as casas de tijolos” (JESUS, 1960, p. 42, 49). A favela a faz sentir-se como uma coisa, um objeto que foi jogado no lixo, que não serve mais, descartável.

A hierarquização social e as relações de poder, baseadas em interesses pessoais, criam esse cenário e distribui as pessoas, na sociedade, de acordo com seus bens, etnia, gênero. O conceito de pessoa e coisa, que aparentemente

é claro, tem se confundido e tornado seres humanos “utilizáveis” ou não, necessários ou não, coisificados, ao mesmo tempo em que as coisas mobilizam, tornam-se agentes motivadores da ação humana. A essência da colonização ainda é tão presente como antes, está somente mascarada de modernidade.

A política e o custo de vida são temáticas muito presentes nessa obra, assim como várias deficiências sociais e governamentais que se mostram evidentes. A fome é uma personagem angular, que move os personagens e ao mesmo tempo remove a vida, o vigor, a esperança, deturpa a visão e escraviza: “E assim no dia 13 de maio de 1958 eu lutava contra a escravatura atual - a fome” (JESUS, 1960, p. 27). A alta do preço dos alimentos faz com que comer arroz e feijão seja algo nobre, portanto, que “Não está ao alcance dos infelizes que estão no quarto de despejo” (JESUS, 1960, p.38).

... Resolvi tomar uma media e comprar um pão. Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos. (JESUS, 1960, p.40)

Desse modo, setenta anos depois, Carolina e grande parcela da população brasileira ainda lutava contra a escravidão imposta por um sistema escabroso, manipulador e desumano, que dá aos que têm e retira dos que não têm. De igual modo, hoje, passados cento e trinta e dois anos, a luta continua.

Assente nisso, é possível entender o quão profunda foi a colocação de Candido ao dispor a literatura como um bem essencial à vida. É bastante chocante, especialmente quando essa ideia é posta lado a lado com a reflexão dessa rígida realidade que enquadra tanta gente. Considerando a perspectiva do autor, da mesma maneira que a falta de alimento abate o corpo e confunde a vista, a falta de literatura também o faz, impedindo de ver o mundo e as coisas como de fato são.

Algo muito marcante em Carolina é que mesmo com todas as dificuldades e lutas diárias, a sua humanidade permanece intacta. Ao descrever os moradores da favela, registra a escassez de recursos e o quão brutos e violentos são muitos deles. Alguns recorrem aos vícios como fuga daquela realidade, além de serem ásperos e amargos uns com os outros. No entanto, ela não é assim,

sobretudo quando se refere a crianças e pessoas em necessidade. Apesar do pouco estudo, procura informa-se a respeito de tudo, ter um olhar crítico e são para a política e questões sociais. Sua sagacidade e apreço pela leitura a mantém com a mente equilibrada, ainda que em determinados momentos pense em desistir e amaldiçoe sua sorte, logo consegue recompor-se.

Ela costuma mostrar-se séria com os adultos “porque eu já não sei sorrir” (JESUS, 1960, p.92), mas “O meu sorriso, as minhas palavras ternas e suaves, eu reservo para as crianças” (JESUS, 1960 p.34), pois não são maldosas intencionalmente. “Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria” (JESUS, 1960, p. 54). Embora afirme seu olhar duro para homens e mulheres, se volta com empatia e bondade às privações de quem está próximo: “Amanheceu chovendo. Tenho só treis cruzeiros porque emprestei 5 para Leila ir buscar a filha no hospital” (JESUS, 1960, p. 40). Em um dos dias que saiu para catar papel, encontrou um homem mal trajado, “Indigno para um ser humano” (JESUS, 1960, p. 48), comendo doces jogados na lama e cambaleava de fome. Outro dia, quando o encontrou novamente, disse-lhe:

- O senhor espera que eu vou vender este papel e dou-te cinco cruzeiros para o senhor tomar uma media. É bom tomar um cafezinho de manhã.

- Eu não quero. A senhora cata estes papeis com tantas dificuldades para manter os teus filhos e deve receber uma migalha e ainda quer dividir comigo. (JESUS, 1960, p. 49)

Ademais, nos dias mais difíceis, a autora buscava alento nos ideais de vida que criava para si e nos sonhos.

12 DE JUNHO Eu deixei o leito as 3 da manhã porque quando a gente perde o sono começa pensar nas misérias que nos rodeia. (...) Deixei o leito para escrever. Enquanto escrevo vou pensando que resido num castelo cor de ouro que reluz na luz do sol. Que as janelas são de prata e as luzes de brilhantes. Que a minha vista circula no jardim e eu contemplo as flores de todas as qualidades. (...) É preciso criar este ambiente de fantasia para esquecer que sou da favela. (JESUS, 1960, p. 52)

O Quarto de despejo manifesta críticas bastante acentuadas à conjuntura política da época. A autora cita nomes de políticos conhecidos e relevantes na história do Brasil e revela ter uma opinião muito bem formada quanto a eles, principalmente no que se refere à total indiferença à situação do pobre e favelado.

Uma senhora chamou-me para dar-me papeis. Disse-lhe que devido o aumento da condução a policia estava nas ruas. Ela ficou triste. Percebi que a noticia do aumento entristece a todos. Ela disse-me:

- Eles gastam nas eleições e depois aumentam qualquer coisa. O Auro perdeu, aumentou a carne. O Adhemar perdeu, aumentou as passagens. Um pouquinho de cada um, eles vão recuperando o que gastam. Quem paga as despesas das eleições é o povo! [...]

Quando passei na banca de jornais, li este *slogan* dos estudantes:

Juscelino esfola!

Adhemar rouba

Jânio mata!

A Camara apóia!

E o povo paga! (JESUS, p. 113-116)

Nesse enquadramento, apresenta as atitudes interesseiras dos candidatos e já ocupantes de cargos no governo em período de eleição, além da veemente crítica ao aumento dos preços de tudo, especialmente, “dos gêneros alimentícios” (JESUS, 1960). Esse quadro, que expõe a ignorância de ambas as partes e falta de humanidade dos políticos, contribui somente para o aumento das mazelas sofridas pelos marginalizados.

O açúcar aumentou. A palavra da moda, agora, é aumentou. Aumentou!

Isso me faz lembrar esta quadrilha que o Roque fez e deu-me para eu incluir no meu repertório poetico e dizer que é minha:

Político quando candidato

Promete que dá aumento

E o povo vê que de fato

Aumenta o seu sofrimento!

(JESUS, 1960, p. 118)

“É que estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 1960, p. 25). Esse o desejo de Carolina ao escrever seu diário, que acabou sendo muito mais que isso e alcançando todo o país e o mundo. Sua escrevivência resgata a humanidade, expõe e denuncia a injustiça, e inspira à ação. A partir de seu lugar de fala, conta a todos como é ser uma mulher, negra, mãe, pobre. E por fim, seu objetivo inicial é alcançado: sua obra é publicada e é responsável por sua saída da favela.

A ideia da necessidade de fabulação inerente aos seres humanos (CANDIDO, 1988), não remete a uma espécie de delírio lunático escapista, sem uma finalidade palpável e real. Essa abstração é sim, para proporcionar alívios momentâneos, mas também, para promover a ação desde o sonho, para projetar um futuro, para movimentar-se em direção à saída.

Tanto em *Quarto de despejo* como em *Capitães da Areia* é possível apreender essas características. Assim como Carolina, os meninos do trapiche sonhavam com a liberdade, com um futuro artístico, religioso, revolucionário. Arquitetavam, mesmo que inconscientemente, um amanhã onde suas vozes seriam ouvidas. Pedro Bala, atraído pela revolução, seguiu este caminho; Pirulito, sua religião o levou ao sacerdócio; Professor tornou-se pintor no Rio de Janeiro e retratava em suas pinturas a figura e vida dos capitães da areia.

Em suma, pelas obras em estudo, por várias outras que se dedicam a esse tema ou o ilustra, percebe-se que seja pela transmissão de informações, pela expressão de sentimentos, pela apreciação do belo ou pela denúncia e crítica político-social, a arte literária tem um papel fundamental na construção de pessoas individualmente e socialmente saudáveis, perfeitamente capazes de causar comoção em seu meio e transformá-lo, de alçar suas vozes, tomarem posse de seu espaço e fazerem-se ouvidas.

CONCLUSÃO

Durante toda a fase escolar e acadêmica, as pessoas se acostumam a lidar com uma literatura convencionalmente reconhecida, clássicos, “literatura de verdade”, de bom gosto, bem escrita. Antônio Candido (1988) defende o acesso de todos à literatura, porém o faz de maneira limitada. No entanto, a escrevivência pode humanizar até mais que o texto erudito, devido ao seu caráter de desabafo, de desmascaramento, pela expressão íntima e profunda dos sentimentos e percepções da realidade. Isso se conecta ao humano dentro de cada um e transforma.

Como já mencionado anteriormente, a relação do leitor com uma obra depende de suas experiências de vida e com base nisso constrói e reconstrói sua trajetória, consoante a cada novo mergulho literário e vivência.

A aprendizagem e maturidade de mulheres e homens conscientes de si e do outro se dá de forma gradativa. A literatura não pode ser uma imposição do que é certo ou errado, cada um deve ter a liberdade de apreendê-la e decidir o que fazer sobre isso. Ela torna-se indispensável ao passo que supre as carências profundas do ser humano, seja mediante símbolos representativos da realidade ou por distintas interpretações dela.

A arte literária auxilia na reconstrução da identidade e na recontagem de uma história, além de dá autonomia de pensamento, de opinião, de expressão. Com isso, é inegável a necessidade de se fomentar a prática da leitura e escrita na sociedade, em cada esfera, e não somente no ambiente escolar, pois uma criança, quando inicia sua vida escolar, já traz consigo um repertório familiar, por exemplo.

Sant’Anta (2008) defende que o texto literário, assim como toda manifestação artística, abre a mente do indivíduo para pensar por si só, algo bastante desafiador, pois existe o constante bombardeio de influências que o cercam e tentam induzir seu pensamento. Dessa forma, a arte permite novas visões e compreensões do mundo e da realidade.

Segundo Candido (1988), é preciso organizar uma divisão equitativa de bens para que os diferentes níveis de cultura sejam acessíveis a todos, sem hierarquias, pois isso sugere uma incomunicabilidade e maior desigualdade

entre os estratos sociais. Isso ainda é um ideal, principalmente levando em conta países como o Brasil, mas a possibilidade de mudanças ao longo dos anos dá esperança. A luta por uma sociedade justa e igualitária não pode cessar e as produções literárias são importantes ferramentas neste transcurso.

Barrosi (2017) expõe a relevância não só da leitura, mas da escrivência como agente humanizador e, considerando o exemplo de Carolina Maria de Jesus, há a compreensão do forte efeito da vivência de alguém que tomou posse da palavra escrita para expor sua consciência de si e de seu lugar. Assim, sua estima pela leitura despertou sua sensibilidade às circunstâncias e pessoas ao seu redor, e viabilizou seu engajamento social e político, fazendo-a reconhecer-se como pessoa, humana, real, com uma voz que pode e deve ser ouvida.

Portanto, a contribuição desses autores e suas obras permitiu esta presente reflexão e o entendimento de que a literatura é um importante fator na construção de indivíduos pensantes e ativos em seu meio social, incentivando reformas e ações justas, além de promover a elevação e expansão do saber literário.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BAROSS, Luana. **(Po)éticas da escrevivência**. Brasília: Scielo, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182017000200022&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 03 abril de 2020.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. *In*: CANDIDO, Antonio. **Textos de intervenção**. São Paulo: Editora 34, 1972. Disponível em: https://www.academia.edu/4041087/Adoramos_Ler_Antonio_Candido_A_literatura_e_a_formacao_do_homem. Acesso em 05 abril 2020.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5ª edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2011. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3327587/mod_resource/content/1/Candido%20O%20Direito%20%C3%A0%20Literatura.pdf. Acesso em 05 abril de 2020.

CAMINHA, Pero Vaz. **A Carta**. Universidade do Amazonas: NEAD. Disponível em: <http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf> . Acesso em: 02 dez. 2020.

DADICO, Luciana. **Leitura literária, experiência e formação do indivíduo: reflexões a partir da crítica de Adorno**. Scielo, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642017000200179&lng=pt&tlng=pt . Acesso em: 18 de nov. 2020.

DUARTE, João Ferreira. **Cânone**. E-dicionário de termos literários, 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/canone/> . Acesso em: 18 nov. 2020.

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**. São Paulo: Edição popular, 1960. Disponível em: https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2019/02/edoc.site_1960-quarto-de-despejo-carolina-maria-de-jesuspdf.pdf . Acesso em: 15 dez. 2020.

MIRANDA, Fernanda. **Trouxeste a chave? Ou: o sorriso de Carolina**. [S.l.] Revista Firminas, 19 ago. 2020. Disponível em : <https://mariafirmina.org.br/wp-content/uploads/2020/08/Trouxeste-a-chave-Ou-o-sorriso-de-Carolina-Fernanda-Miranda.pdf> . Acesso em 01 dez. 2020.

O papel da leitura na construção do sujeito. Faculdade Campos Elíseos, 21 out. 2018. Disponível em: <https://fce.edu.br/blog/o-papel-da-leitura-na-construcao-do-sujeito/> . Acesso em 11 nov. 2020.

ROSA, Carolina; SILVA, Gilberto. **Carolina Maria de Jesus e o pensamento liminar na literatura brasileira**. Florianópolis: Revista Estudos Feministas, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n260635> . Acesso em: 01 dez. 2020.

SANT'ANA, Joana Amélia. **A importância da literatura na formação do homem**. Teatro e literatura dramatizada: uma perspectiva de leitura. Curitiba, 2008. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/336-4.pdf> . Acesso em 01 dez. 2020.